

**SÃO PAULO SOCIEDADE ANÔNIMA: A INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL E  
EXPLORAÇÃO DO TRABALHO VIVENCIADOS ATRAVÉS DA ANÁLISE FÍLMICA**

**ANTONIO MARCIO BRANGIONI**

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

**LILIAN BAMBIRRA DE ASSIS**

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

# SÃO PAULO SOCIEDADE ANÔNIMA: A INDUSTRIALIZAÇÃO NACIONAL E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO VIVENCIADOS ATRAVÉS DA ANÁLISE FÍLMICA

## RESUMO

O presente artigo buscou compreender, através do filme “São Paulo Sociedade Anônima” (1965), como as pressões no mundo corporativo afetam a vida das pessoas, utilizando os estudos da Psicodinâmica do Trabalho. O trabalho se desenvolve através de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo com uso da estratégia de análise do filme, cuja coleta de dados se deu através de observação indireta, registrada em protocolos de observação. Este estudo avaliou os fatores relacionados à Psicodinâmica do Trabalho, observando sentimentos de agonia, incapacidade, inveja, fuga, agressividade, cansaço e corrupção, num contexto em que as pessoas buscavam o crescimento profissional e a felicidade pessoal através do trabalho, tendo como pano de fundo a franca expansão da cidade de São Paulo. O ambiente provoca sofrimento e afeta a vida pessoal do protagonista da história, uma vez que a felicidade nem sempre se sustenta em virtude de todo arcabouço social e econômico em que as pessoas estão inseridas. Nos resultados deste estudo, verificou-se os processos de precarização do trabalho e suas influências na vida social das pessoas, criando uma oportunidade de avaliação, a partir de cenas, de como os funcionários são afetados pelos mecanismos vigentes, possibilitando uma crítica quanto aos modelos corporativo e a suas mazelas.

Palavras-chave: Psicodinâmica do Trabalho, Industrialização, Análise Fílmica.

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico pode gerar muitas oportunidades as pessoas em um determinado momento, no entanto, quando este desenvolvimento ocorre de maneira não ordenada, aliado a um sistema de grande exploração, sem uma contrapartida de ações sociais, pode levar os indivíduos a diversos cenários de patologia. O cotidiano caótico do trabalho, aliado as pressões da sociedade para que as pessoas se tornem cidadãos de destaque através do trabalho, configuram um importante mecanismo da exploração e degradação dos indivíduos, levando-o a situações como agonia, corrupção, inveja e agressividade.

No contexto deste trabalho, a cidade de São Paulo em franco desenvolvimento com o advento da indústria automobilística nacional, apresentava diversas oportunidades para a população. A busca em conseguir uma posição de destaque na sociedade levava os indivíduos a aceitarem condições indevidas de trabalho, e muitas das vezes tomarem ações que prejudicavam suas vidas sociais.

Sob esta ótica antagônica, em que o desejo de ascensão social e a exploração da força de trabalho se apresentam, os ambientes sociais e os mecanismos de sobrevivência são fatores dignos de investigação. A manutenção do próprio equilíbrio requer a utilização de um conjunto de estratégias defensivas, que se utilizadas em excesso, podem conduzir à alienação e patologias sociais (DEJOURS, 2007).

Para avaliação de fenômenos organizacionais, a análise fílmica é uma grande oportunidade de estudo, que permite apresentar diversos significados em função de diversas interpretações. Por meio dos filmes, ocorre a interação de vários sujeitos, como autores, diretores, atores, espectadores, professores e estudantes, configurando-se assim um rico instrumento de comunicação. Assim, podem ser extraídas diferentes percepções através de processos cognitivos diversos de cada um dos sujeitos envolvidos, possibilitando uma ampliação dos modelos de aprendizagem (IPIRANGA, 2007).

O cinema foi considerado uma arte capaz de expressar fenômenos através da linguagem fílmica, na qual o filme era dotado de mais do que somente um conjunto de imagens, mas também acompanhada das percepções temporais, visuais e sonoras, as quais tem que ser consideradas numa contextualização mais ampla (MERLEAU-PONTY, 2003). Diante deste contexto, o filme passa por um processo de percepção do indivíduo, no qual o olhar e a memória são os agentes de modificação entre o real e o irreal e tornando-se receptores de sensações, as quais possibilitam uma reflexão através de um trabalho intelectual (VIEGAS, 2008).

O presente artigo buscou compreender, através do filme “São Paulo Sociedade Anônima” (1965), dirigido por Luis Sérgio Person e estrelado por Walmor Chagas, Eva Wilma, Darlene Glória, Otello Zeloni e Ana Esmeralda, como as pressões no mundo corporativo afetam a vida das pessoas, utilizando os estudos da Psicodinâmica do Trabalho.

Importante salientar neste estudo a temporalidade do filme, uma vez que as filmagens foram realizadas cerca de 30 anos antes dos estudos de Dejours a respeito da Psicodinâmica do Trabalho. Isso não impede que sejam percebidos os conceitos desta importante teoria através da obra cinematográfica.

No âmbito da Administração, o objetivo principal foi observar, através da análise fílmica, como o modelo conceitual de desenvolvimento econômico e social da época reflete nas vivências de prazer e sofrimento dos indivíduos, sobre a ótica da Psicodinâmica do Trabalho. Os objetivos específicos foram: compreender a representação das relações de conflito e sofrimento relatadas no filme e contextualizar a situação econômica e social da época em que a história se passa para avaliar os mecanismos adotados pelos personagens.

Este estudo, utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva para compreender como as pressões, o sofrimento, os sentidos e significados do trabalho são retratados neste filme.

O artigo está estruturado de forma a apresentar, inicialmente, uma breve fundamentação teórica acerca da Psicodinâmica do Trabalho e da Análise Fílmica. Posteriormente, apresentam-se os aspectos metodológicos adotados, destacando as principais estratégias de coleta e análise de dados, dados esses apresentados e discutidos e, por fim, as considerações finais oriundas das discussões realizadas neste estudo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Psicodinâmica do Trabalho

O trabalhador, em sua concepção humana, orienta sua vida para o trabalho, suas necessidades e desejos, os quais lhe conferem características únicas. A Psicodinâmica do Trabalho, como parte do referencial teórico deste artigo, foi concebida por Dejours, na França, nos anos de 1980, tendo os primeiros estudos no Brasil na década de 1990. Em seus estudos, buscou-se entender o trabalhador como um sujeito apto a agir na realidade, dotado de poder de resistência em relação a dominação exercida no contexto do trabalho. (MENDES, 2007).

O trabalho, apesar de sua importância na vida do homem, quando realizado em condições precárias, pode ser um elemento que pode vir a desencadear doenças. Assim, sendo o trabalho uma fonte de prazer e sofrimento, pode provocar no trabalhador uma forma própria para reagir às condições as quais ele é submetido. (DEJOURS, 1992).

No contexto da Psicodinâmica do Trabalho, o objeto de estudo é o relacionamento entre a organização onde o trabalho é efetuado, e o processo de atribuição de sentido pelo trabalhador a partir da sua relação de trabalho. As relações de trabalho são verificadas nas vivências de prazer e de sofrimento, bem como nas estratégias adotadas, tais como a resistência, utilizadas pelos trabalhadores como forma de atenuar o sofrimento vivido no trabalho (MENDES, 2007).

Através das regras definidas pela organização do trabalho, são ditos a forma pela qual o trabalhador deve atuar, limitando a organização espontânea da atividade, sendo assim

interpretada como um confronto ao desejo do trabalhador, quando este se submete à vontade de seu empregador. Neste cenário, surge o sofrimento, quando o arranjo entre a necessidade do trabalhador e a organização do trabalho deixa de existir (DEJOURS, 2011). O sofrimento é então inevitável ao sujeito, e ocorre por meio da relação que o indivíduo tem com a organização do trabalho (DEJOURS E ABDOUCHELI, 2009).

Assim, por meio de sua inteligência prática, o trabalhador consegue modificar sua organização de trabalho, de forma que lhe proporcione prazer, promovendo assim a normalidade. De outra maneira, quando lhe é negada esta possibilidade de transformação do sofrimento, o trabalhador necessita fazer uso de estratégias defensivas para minimizar o sofrimento, as quais beneficiam mais a exploração do trabalho do que a saúde do trabalhador (MENDES, 2007).

As estratégias defensivas, no contexto da Psicodinâmica do Trabalho, são entendidas como regras estabelecidas coletivamente pelos trabalhadores e implicitamente acordadas, que permitirão o não adoecimento psíquico, mas, de forma pragmática, têm a capacidade apenas de diminuir a percepção do sofrimento pelos trabalhadores (MENDES, 2007; DEJOURS e ABDOUCHELI, 2009). As estratégias defensivas têm como principal objetivo alterar ou atenuar a forma como os trabalhadores percebem a realidade do trabalho que os leva ao sofrimento (DEJOURS E ABDOUCHELI, 2009).

As estratégias defensivas são forma de reação do sujeito às pressões impostas pelo trabalho. Apesar das estratégias defensivas serem de natureza individuais, pelo motivo de atingirem vários sujeitos ao mesmo tempo, possibilitam que estes desenvolvam estratégias coletivas para enfrentar o sentimento em comum.

A mobilização subjetiva aparece como uma alternativa as estratégias defensivas, através da confirmação do sofrimento e sua resignificação, ao invés de sua negação. A mobilização subjetiva é o processo em que, por meio do engajamento, o sujeito é capaz de modificar as situações que causam o sofrimento fazendo uso da inteligência prática, do espaço público da fala e da cooperação no coletivo de trabalho (MENDES, 2007)

A inteligência prática é o mecanismo utilizado pelo sujeito para transgredir as normas do trabalho prescrito, por meio da aplicação de procedimentos mais adequados ao objetivo da produção do que os outrora prescritos pela organização do trabalho. As opiniões dos trabalhadores são expressadas através do espaço público da fala (MENDES, 2007).

Por fim, a cooperação acontece por meio da valorização e do reconhecimento das contribuições individuais para a construção do projeto coletivo, minimizando os erros pessoais e permitindo que as diferenças e as qualidades individuais se articulem para a elaboração de um resultado melhor do que seria apenas com esforços pontuais.

## 2.2 Análise Fílmica

Um dos primeiros estudiosos a avaliar a relação entre o cinema com assuntos ligados a psicologia foi Hugo Munsterberg, em 1916. Logo em seguida, Rudolf Arnheim, por volta dos anos 1930, estudou sobre como o cinema levava a um processo de recriação mental por parte do espectador. (NOVA E COPQUE, 2009).

A percepção estético-visual, foi proposta como importante mecanismo para a apreensão e a compreensão de fenômenos organizacionais. (WOOD JR. E CSILLAG, 2001). Assim sendo, a arte passa a ser um instrumento que permite a modificação da consciência, possibilitando observar novos modelos de trabalho à luz da interpretação dos fenômenos organizacionais (WOOD JR. E CSILLAG, 2001).

Um observador, quando é emocionalmente tocado por algo, se faz mais apto de aprender: “Como a arte e a estética são vias privilegiadas de acesso às emoções, são, portanto, vias fundamentais para o aprendizado” e para a ação. Considerando a seara administrativa, uma vez

tocado emocionalmente, ajuda no estímulo e na legitimação do senso estético das pessoas, bem como estimula a concepção, única e sensível dessas pessoas, quanto ao mundo das organizações e da gestão (DAVEL, VERGARA E GHADIRI, 2007).

No entanto, o posicionamento na interação entre imagem e afetividade e o desafio de fazer isso de forma racional. Neste sentido, o filme não é um instrumento neutro de comunicação. O filme é um agir em imagens, em que o expectador faz uso de simbologias e experimentos num processo de análise. O cinema, então considerado uma forma de linguagem um movimento, é considerado muito mais que um recurso didático. (IPIRANGA, 2007).

O processo de desconstrução de um filme, deve ser realizado como uma descrição de cenas, de sequências e de trilha sonora. Posteriormente, se reconstrói narrativa por meio da compreensão destes elementos decompostos - isto é, a interpretação. Assim, tem-se uma interpretação das partes no contexto geral, auxiliando o processo de análise e interpretação (VANOYE; GOLLOT - LÉTÉ, 2008).

Ao assistir uma cena de um filme, o espectador tem a ideia de que obteve uma nova compreensão sobre a vida (VOGLER, 2015). O espectador é colocado frente a fatos e personagens familiares, que vivem conflitos semelhantes aos seus. Assim sendo, num cenário de ficção, as dificuldades da vida real são vivenciadas pelos observadores no contexto das organizações. (MARQUES, 2008).

### 3. METODOLOGIA

Para a análise do filme “São Paulo Sociedade Anônima”, utilizou-se a abordagem qualitativa, por possibilitar uma melhor compreensão dos aspectos subjetivos, os quais não poderiam ser identificados e compreendidos, com profundidade, em uma pesquisa quantitativa (ROESCH, 2005). Ademais, este estudo possui um caráter descritivo, visto que procura descrever um cenário e seus efeitos a partir da narrativa de um filme (VERGARA, 2004). No filme “São Paulo Sociedade Anônima”, contextualizado na Psicodinâmica do Trabalho, temos um personagem principal, que busca um crescimento profissional e conseqüentemente uma adequação a um modelo de padrão social. Alavancado pelo desenvolvimento da cidade de São Paulo a partir de meados do século passado, com o início do desenvolvimento da indústria automobilística, a busca em atender os padrões sociais da época, leva o protagonista a se submeter a diversos meios e falcruas. Ao longo do tempo, neste cenário de extrema pressão, ele passa a elaborar resistências e começam a aflorar sentimentos de brutalidade, agonia, cansaço, inveja.

A escolha do filme selecionado baseou-se em alguns fatores, tais como: uso do filme como elemento referencial para entender as organizações e a sociedade; possibilidade de trabalhar a questão da Psicodinâmica do Trabalho; também se salienta o fato do filme se mostrar muito atual neste momento, apesar dos seus 50 anos de exibição, uma vez que grande parcela das pessoas ainda busca ascensão social através do trabalho. Não menos obstante, a análise busca basear-se em situações vivenciadas nas organizações, permitindo assim realizar simulações no campo da Administração.

A coleta de dados foi realizada através da reprodução do filme, a fim de identificar os trechos e narrativas relevantes para a análise do tema proposto. Realizou-se a análise em duas etapas principais: a decomposição do filme, seguido do processo de identificação e compreensão das relações entre os elementos que surgiram da decomposição deste (GOLIOT-LÉTÉ E VANOYE, 1994).

O filme analisado, “São Paulo Sociedade Anônima (PERSON, 1965), tem duração de 107 minutos. O filme foi assistido completamente duas vezes e sem interrupções, totalizando 214 minutos. Entre estas duas exibições, foi realizada uma microanálise, avaliando-se cada cena do

filme, totalizando um tempo de 413 minutos, totalizando assim 627 minutos de observação indireta, com um total de 26 cenas registradas.

Para a análise do filme utilizou-se a análise de conteúdo. A aplicação deste modo de análise em filmes, foi elaborado por meio de um resumo que abrangesse todos os momentos importantes da história, bem como a decomposição do filme em partes, levando em conta o tema e o objetivo do estudo em si deste (GOLIOT-LÉTÉ E VANOYE, 1994). Além do mais, o filme também foi analisado sob a ótica da análise externa, a qual vê o filme como o resultado do conjunto de elementos que circundam a produção e o autor, como o contexto social, cultural, político, estético, tecnológico. Para tanto, esses elementos dialogaram com a teoria exposta e discutida no referencial teórico.

#### 4. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A história do filme retrata a euforia provocada pela implantação da indústria automobilística no Brasil, a partir do final da década de 50, no século passado. Inicialmente, o título do filme seria “Agonia”, mas posteriormente ao longo das gravações, teve seu título alterado. Na obra, o personagem principal, Carlos, é um jovem galanteador que se relaciona com várias mulheres e que consegue um emprego numa empresa multinacional. Após ser demitido por corrupção, ele aceita uma vaga como gerente numa fábrica de autopeças. O dono desta empresa em que Carlos foi trabalhar era um grande sonegador de impostos, explorava os funcionários e tinha vários amantes. Carlos se casa com uma bela moça, no entanto ele é um chefe de família frustrado, que trabalha muito, tem um bom salário, mas vive insatisfeito. Nesta situação, começam a aflorar comportamentos agressivos. Seus relacionamentos bem como a forma como é explorado no trabalho, levam-no a uma vida sem perspectivas, só lhe restando a fuga de todos os seus fantasmas. Vale salientar que Carlos não era um vagabundo que não gostava de trabalhar. Sua angústia se deriva nas diferenças e dicotomias entre o trabalho e sua ambição em agradar a família e as amantes.

No quadro 1, foram elencadas todas as cenas do filme, com a devida marcação dos itens que relatam as situações de patologia e mecanismos de defesa verificados no comportamento de Carlos, relacionados a Psicodinâmica do Trabalho. Os dados apresentados nesta figura foram classificados de acordo a ordem cronológica do filme. No total foram identificadas 26 cenas, sendo que somente em 4 cenas não foram identificadas situações de patologia e/ou mecanismos de defesa que versassem sobre aspectos relacionados a Psicodinâmica do Trabalho. Ressalta-se que a forma como a obra é apresentada, as cenas não relatam exatamente a ordem cronológica dos fatos, sendo que ocorrem tomadas alternadas de cenas com Carlos e os demais personagens com os quais ele contracena.

Cenas/Fragmentos	Bases para a avaliação da Psicopatologia do Trabalho
Cena 1: Discussão com esposa e fuga 00:00s a 04:15s Luciana lamenta a saída de Carlos, mas ele relata que é inútil sair desta luta.	Sentimento de incapacidade, fuga
Cena 2: A amante Ana - 04:16s a 09:20s A relação amorosa de Carlos com sua amante Ana, a quem ele achava que amava.	Concupiscência

<p>Cena 3: O milagre da indústria - 09:21s a 11:14s Emprego fácil no Brasil e Carlos conquista uma vaga na industrial automobilística em SP. Nacionalização da indústria com produtos de baixa qualidade. Uso de corrupção para os produtos serem aceitos pelos serviços de qualidade das montadoras.</p>	<p>Corrupção</p>
<p>Cena 4 - A pressão da amante, dinheiro - 11:15s a 12:03s Carlos sofria pressão para agradar a amante Ana, comportamento agressivo.</p>	<p>Corrupção, comportamento agressivo</p>
<p>Cena 5 - O aprendizado de inglês e o 1º flerte com Luciana - 12:04s a 15:42s Cultura americano como forma de ascensão e oportunidade de crescimento profissional. Carlos gostava de flertar com as mulheres. Em flerte com a Luciana na escola de idiomas, Carlos fazia questionamentos sobre habilidades profissionais dela. Machismo, questionamentos sobre a família da moça, presença do americanismo nos personagens.</p>	<p>-</p>
<p>Cena 6 - Festa na casa de Luciana 15:43s a 19:46s Carlos busca sentimento de coragem através da bebida, tentando cantar para impressionar a jovem Luciana. Ela é moça da tradicional família paulistana, recatada. Carlos é um rapaz impaciente, interessado em sexo, gerando discussões logo no início do relacionamento.</p>	<p>Impaciência, agonia, alcoolismo</p>
<p>Cena 7 - São Paulo 19:47s a 20:00s Cenas cotidianas da frenética São Paulo do final da década de 50.</p>	<p>-</p>
<p>Cena 8 - A morte de Hilda: 20:01s a 26:37s Carlos, ao ver a polícia na porta da casa da amiga, pede permissão para acompanhar a investigação. Hilda, a antiga amiga do trabalho, com a qual teve encontros casuais, se apresentava estranha na última vez que a encontrou. Ao longo da vida ela sempre quis experimentar de tudo na vida. Carlos ao longo da vida vivia com escassos recursos. Carlos aparentava-se nervoso por causa dos questionamentos de Hilda a respeito da falta de cultura dela. A depressão de Hilda gerava este sentimento também em Carlos.</p>	<p>Agonia, comportamento agressivo, depressão</p>
<p>Cena 9 - São Paulo Religiosa: 26:38s a 27:50s Carlos começa uma busca pelo lado religioso, abatimento, questionamento quanto ao medo de envelhecer, nostalgia, Questionamento quanto a cultura de Hilda não poder responder a sua morte.</p>	<p>Abatimento, Agonia, Questionamentos, depressão</p>
<p>Cena 10 - A convivência com Hilda: 27:51s a 33:15s Sequência sobre vários momentos que Carlos teve contato com Hilda. Curiosidades sobre a vida amorosa de Hilda com outros homens, ganância para querer ser como os amantes de Hilda. Memória dos momentos que conviveu com ela, mas lamentando não ter se despedido dela. Relembrando o encontro que teve com</p>	<p>Agonia, Infelicidade, Angústia</p>

<p>Hilda 3 dias antes dela falecer. Hilda cobrando Carlos a necessidade que ela tinha de amar, uma vez que o seu marido já tinha falecido também. Relembrou também momento que reencontrou Hilda, depois que ela tinha casado com um fazendeiro e ela dizia ser muito feliz. Carlos lembrando com certo pesar que Hilda foi feliz enquanto viveu, e demonstrando que ele não era tão feliz quanto Hilda.</p>	
<p>Cena 11 - A convivência com Arturo 33:16s a 35:37s Arturo era amigo de Carlos e empresário do ramo de peças. Carlos foi demitido da Volkswagen por denúncia de corrupção, possivelmente por prejudicar a Volkswagen em favor de Arturo, que fornecia peças da baixa qualidade. No caso Carlos aceitava comissão/suborno. Arturo continuou vendendo para a VW e propôs a Carlos um emprego, solicitando-o ajudar na gestão da empresa de Arturo. Carlos dizia que admirava o mal comportamento de Arturo, mas aceitou a sua proposta.</p>	Corrupção, inveja
<p>Cena 12 - O início do relacionamento com Luciana 35:38s a 36:25s Inicialmente galanteador com a jovem Luciana, amigo, passeios em São Paulo, cinemas.</p>	-
<p>Cena 13 - A convivência com Ana - 36:26s a 38:17s Visita a mãe de Ana, a certeza da traição a então namorada Luciana, as lamúrias da amante com a mãe doente. A mãe de Ana sendo tratada com um ser estranho, doente, o qual não merecia contato.</p>	Traição, indiferença
<p>Cena 14 - A convivência com Luciana - 38:18s a 40:40s Ida a locais para se divertirem, convivência com a família de Luciana. Ele reportava sinais de cansaço uma vez que o novo emprego exigia que ele precisava trabalhar cedo, enquanto Luciana mostrando interesse em ficar mais tempo com ele. Carlos se nega a ficar com Luciana e a trata rispidamente, sinalizando que tudo que ele fazia para Luciana o aborrecia. Carlos se apresenta de maneira egoísta e eles terminam o relacionamento.</p>	Cansaço, stress, comportamento agressivo, egoísmo.
<p>Cena 15 - Os desejos de Ana geram amargura em Carlos 40:41s a 43:53s Os desejos da amante geram ansiedade em Carlos. Ele sentia ciúmes dela, sentindo-se traído.</p>	Ansiedade
<p>Cena 16 - A psicose pelo Trabalho 43:54s a 45:10s Recomeçar, tentar ser homem e obter sucesso, esquecer a namorada, a amiga e a amante. As obrigações do trabalho e os prazos para entregas eram as formas de esquecer o passado e recomeçar. Mostra um sentimento de estafa, cansaço, mas ele indicando que deveria resolver todos os problemas.</p>	Stress, negação
<p>Cena 17 - A tentativa frustrada de reencontrar com Luciana - 45:11s a 54:36s</p>	Stress, egoísmo, alcoolismo, prostituição, rejeição.



<p>Ao tentar se aproximar de Luciana, ela questiona Carlos sobre as intenções dele. Após acusações mútuas de egoísmo, Carlos se revolta com as pessoas na rua, quem observavam a sua discussão com Luciana. Após a partida de Luciana, Carlos parte para a bebida e prostituição, uma vez que se sente rejeitado pela agora ex-namorada. Totalmente bêbado, em isolamento, Carlos vai para a porta da casa de Luciana e bêbado, começa a gritar na madrugada e dizer que iria parar de beber, recomeçar uma nova vida para retomar o namoro com ela. Após quebrar garrafas de bebida na porta da casa dela, tem que sair correndo para não ser preso pela polícia.</p>	
<p>Cena 18 - O retorno do relacionamento com Luciana - 54:37s a 58:35s  Carlos procurou Luciana e sua família para reatar o relacionamento, uma vez que estava ganhando bem e que teria condições de constituir família com Luciana. Carlos dizia que queria dar um rumo na vida com a retomada do relacionamento com Luciana. O pai de Luciana, apesar de não se opor ao relacionamento, dizia para que antes de tomarem a decisão definitiva, deveriam refletir com calma sobre a situação. Luciana impôs algumas condições para Carlos, dizendo que dinheiro, uma casa e amor não são suficientes para um relacionamento. Ela relata a necessidade de Carlos ser mais compreensivo. No diálogo, ainda é relatado o tabu quanto ao fato de Luciana ser jovem e mulher, dando sua opinião quanto ao casamento e a situação futura com Carlos.</p>	-
<p>Cena 19 - Cobrança a Arturo. 58:36s a 1:00:32s  Na expectativa de consumir o casamento com Luciana, Carlos cobrou Arturo as comissões pelos negócios fechados na empresa de Arturo e também por que ele conhecia todos os segredos e dominava os procedimentos administrativos da empresa. Após tentar postergar o pagamento e a chantagem de Carlos, Arturo resolveu pagar as comissões.</p>	Corrupção, ameaças
<p>Cena 20 - Casamento com Luciana 01:00:33s a 01:02:37s  Logo após o casamento, eles tiveram um filho. Carlos trabalhava inclusive aos domingos. Ele apresentava sinais de esquecimento devido ao trabalho cansativo. A família também consumia parte das suas energias.</p>	Stress, esquecimento
<p>Cena 21 - Convívio com Arturo 01:02:38s a 01:10:50s  Arturo acreditava na Indústria brasileira, dizia da pujança da indústria automobilística nacional e que ela continuaria a crescer. Arturo mostrava as futuras instalações da empresa a Carlos, que viria a ser adquirida através de financiamentos. As famílias de Arturo e Carlos conviviam bem, no entanto Carlos se achava pouco atraente e sem graça. Arturo gostava de Carlos, pois ele era o seu “faz tudo”. Carlos dizia que o trabalho era a forma de conseguir felicidade, e trabalhando com Arturo, ele conseguiria</p>	Inveja, negação

<p>este objetivo. Arturo era o exemplo a ser seguido, mesmo com todos os defeitos. Arturo oprimia os empregados, mas era uma pessoa que garantia o melhor para sua família, fazendo-a feliz. Esta era a forma como Luciana desejava ser feliz. Numa parte da cena, a filha do Arturo canta um trecho da música Giovinezza (hino da Itália durante o período fascista), na qual ela sofre uma reprimenda por parte do pai.</p>	
<p>Cena 22 - O último encontro com Hilda 01:10:51s a 01:15:31s Em um casual encontro, eles resolvem ir almoçar juntos no apartamento de Hilda, depois dela voltar a morar em São Paulo. As angústias de Hilda são captadas por Carlos, principalmente agora que ela está viúva. Hilda e o marido tiveram dívidas e acabaram tendo que vender a fazenda para pagamento. A morte do marido gerou uma situação de depressão na amiga.</p>	<p>Agonia, Angústia, depressão</p>
<p>Cena 23 - A fiscalização na empresa 01:15:32s a 01:20:03s Em fiscalização na empresa, os fiscais do Ministério do Trabalho encontraram diversas irregularidades. Carlos, como gerente da empresa, era o responsável pela gestão da organização e se sentia constrangido com tal cenário. Cenário estressante, cheio de cobranças de clientes e fiscalizações. A falta de escrúpulos chega ao ponto de esconder os funcionários nos banheiros para tentar burlar a fiscalização. No caso da fiscalização, ele pede apoio a Arturo, que malandramente consegue ludibriar os fiscais.</p>	<p>Constrangimento, corrupção, stress</p>
<p>Cena 24 - Reencontro com Ana 01:20:04s a 01:24:47s Carlos reencontra com Ana na empresa, uma vez que ela estava era garota propaganda de uma agência de publicidade que estava prestando serviços para a empresa de Arturo. Arturo apresenta interesse em Ana, mesmo sabendo que Carlos já teve um relacionamento com ela anteriormente. Arturo relata a Carlos que teve que trabalhar muito, mas com a indústria automobilística nacional, tinha dado sorte, mesmo que para isso tivesse que corromper algumas pessoas. Arturo também comenta que Luciana havia ido na fábrica, interessada em investir na empresa, desde que Carlos se tornasse sócio. Carlos se apresentou nervoso e estressado. Arturo percebeu que o amigo necessitava de férias e diversão.</p>	<p>Corrupção, comportamento agressivo.</p>
<p>Cena 25 - Na balada com Arturo e Ana 01:24:48s a 01:31:25s Carlos e Arturo saem com Ana e uma amiga de Minas Gerais. Carlos se sente angustiado com este reencontro com Ana. Em diálogo com Ana, Carlos se mostra ríspido e deselegante. Sempre preocupado com o trabalho, Carlos quer evitar continuar na balada com Arturo. Ao final, chega em casa bêbado, dizendo que deseja ir embora, alegando que não deseja mais Luciana, nem o seu filho, nem Arturo.</p>	<p>Alcoolismo, comportamento agressivo, agonia</p>
<p>Cena 26 - A fuga de Carlos - 01:31:26s a 01:46:57s Carlos ao acordar, tem uma lembrança de Hilda, de Ana, Arturo. Ao se levantar, como todos os dias ele fazia, ele relata para</p>	<p>Angústia, fuga, furto, negação, loucura, depressão</p>

<p>Luciana que ele tem que partir. Ele está angustiado, e não consegue encontrar razão para explicar a esposa esta decisão. Relata que deve partir e recomeçar ou acabar de uma vez por todas. Num ato de loucura ele derruba a esposa e parte atordoado. Numa crítica, Carlos furta um veículo nacional - o qual ele não teve condições financeiras de comprar - no estacionamento do prédio onde morava e sai dizendo adeus a São Paulo e Luciana. Depois de viajar o dia inteiro, ele estaciona para dormir em um local ermo. Ao amanhecer, ele abandona o carro furtado no meio da estrada e pega carona para São Paulo, na tentativa de recomeçar, longe dos seus fantasmas.</p>	
---	--

Quadro 1 – Cenas do filme com itens identificados relacionados a Psicodinâmica do Trabalho

Observa-se ao longo da trama, o personagem Carlos passando por um processo de adoecimento, inicialmente caracterizado por uma agonia e estresse leve. Com as pressões do dia a dia no trabalho, além das situações familiares que o levavam a sempre buscar se superar no trabalho, o personagem vai sofrendo as patologias do sofrimento no trabalho. As vivências de corrupção, estresse, comportamento agressivo vão se tornando cada vez mais frequentes, ao ponto de o personagem atingir o limite do seu processo de adoecimento. As estratégias de resistência tornam-se limitadas, frente ao cenário que o personagem estava envolvido.

Também é importante salientar na obra, que a transformação que ocorre na cidade de São Paulo e no seu entorno, fomenta o cenário do jovem que se vê em dificuldades para se adaptar às mudanças da cidade e da sociedade. O desejo de crescer com a cidade e ser aceito pela sociedade tem como pano de fundo a presença do dinheiro, que leva a situações de corrupção e destruição de valores. (SIMMEL, 2007). No filme, observamos nas cenas 3, 4, 9, 11 e 19 esta situação de corrupção e desejos: o protagonista do filme, Carlos, pertencente a uma classe média em ascensão, se vê maravilhado pela busca de novos prazeres e desejos propiciados pelo poder do dinheiro, mas que se vê envolto na engrenagem da indústria, com todas suas mazelas, para alcançar tais objetivos, mesmo que para isso ele tenha que sucumbir aos seus próprios limites e resistências.

Nas cenas 2, 4, 6, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22 e 24, vemos a relação do personagem com sua esposa (Luciana) e suas amantes (Ana e Hilda) envolto com todas as suas intempéries. Apesar de nestas cenas, observar-se situações que o personagem se mostra fora das pressões do trabalho, ele também se vê numa situação de extrema cobrança pessoal para agradar a todas estas mulheres, e em contrapartida a si mesmo. A relação com a esposa, de um início pautado pela conquista, ao final se pauta mais para o final do filme para situações de angústia e agressões. A amante Ana, com a qual teve seus momentos de maior prazer, era a que mais o cobrava as coisas, levando a situações de negação e ansiedade para tentar agradá-la. Em relação a Hilda, as cenas eram baseadas em maiores diálogos e reflexões, que na maioria das vezes provocavam um grande sentimento de angústia no personagem.

Nas cenas 11, 19, 21, 23, 24 e 25, a relação com o seu patrão, Arturo, se baseia em situações de comprometimento mútuo e inveja, tudo isso pautado pela corrupção de ambos. Ao mesmo tempo que Carlos deseja ter o que Arturo possui, ele questiona os métodos utilizados por Arturo, mas se mantém fiel as práticas ilegais praticadas na empresa, uma vez que tem anseios de crescer a atender a sociedade da época.

Na cena 16, temos o clímax da obra, em que Carlos está no Viaduto do Chá, no centro de São Paulo, e se vê numa encruzilhada de cobranças, uma vez que está totalmente envolvido num cenário de opressão, através das pressões que a nova categoria social lhe impõe. O monólogo de Carlos trata do desejo dele em trabalhar com afinco, esquecer a amante, pagar

Luciana – tudo isso com cenas de engrenagens, em rotações e sentidos diversos. Sua voz, em momentos embargada, em momentos acelerada e irritada, dão sinais de uma máquina que apresenta sinais de dificuldade de funcionamento. Apoiado no guarda-corpo do viaduto, tem-se a impressão de que Carlos pularia do viaduto, tamanho a pressão e o desespero que ele está sentindo, tudo contracenando com uma cidade em ritmo frenético, que dá ainda mais peculiaridade a situação de estresse do personagem. Mas como a cidade e nem Carlos podem parar, ele prossegue na sua luta diária, com todos os seus devaneios e inquietudes, com toda a sua depressão e agonia.

Por fim, nas cenas 1 e 26, ocorre o limite da angústia e do desespero em Carlos, em que ele abandona o lar e foge, em busca de um recomeço. Neste ponto, cenários relatados na cena 16 são resgatados, mostrando a situação de adoecimento que já haviam sido expostas na situação.

Em suma, o filme em si retrata um personagem em típica crise psicológica, diante das circunstâncias e do tempo e da sociedade nos meados do século XX, assolado pelas pressões do trabalho advindas com a industrialização automobilística nacional. Suas angústias, agressividade, estresse, negação, loucura e depressão se extrapolam a sua capacidade de resistir, retratando uma cidade e uma sociedade transformada, com consequências trágicas para os indivíduos que nelas se encontram.

## 5. CONCLUSÃO

Relembra-se que este artigo, teve por objetivo observar, através da análise fílmica, como o modelo de desenvolvimento econômico e social dos meados do século XX refletem nas vivências de prazer e sofrimento dos indivíduos, baseando-se nos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho. O estudo focou-se no ambiente de trabalho corporativo, em que associado a um cenário de pressão e falta de planejamento, carrega também elementos provenientes das mazelas sociais e econômicas da época em que foi gravada a obra cinematográfica, apesar de que isso se perpetua até hoje no cenário industrial e econômico brasileiro. Observamos que a partir do momento que o homem não pode modificar a tarefa de acordo com suas necessidades e desejos o sofrimento de natureza mental começa (DEJOURS, 1992).

Foi nesta perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho que este estudo se fez presente, para fazer a análise do filme “São Paulo Sociedade Anônima (1965)”: Uma obra com 55 anos de existência, mas cuja abordagem se permanece atual, diante de um cenário vivenciado em nosso país, onde a expansão da indústria leva indivíduos, com suas limitações, a também se desenvolver. No entanto, a pressão por resultados e o desejo de crescimento social torna as pessoas escravos de um sistema de dominação, leva as pessoas a corrupção, stress, fuga – buscando mecanismos para conseguir sobreviver nesta delicada situação. Assim, o fato de o filme basear-se em situações vivenciadas em muitas organizações, permitiu observar situações no campo da administração. O uso do cinema para compreender fenômenos sociais e histórico, possibilita analisar uma ficção rica em imagens, sons e olhares que possibilita avaliar uma realidade sob diferentes perspectivas, com diversas possibilidades de interpretar o mundo em questão.

Neste caso, observamos o contexto de sofrimento vivenciado pelo personagem principal do filme, onde envolto pelo momento de crescimento da indústria automobilística nacional e das pressões da sua vida pessoal no cotidiano, apresentou-se como um cenário propício ao desenvolvimento do sofrimento ao ponto de apresentar diversas patologias. Ao longo da obra, foram observados mecanismos de resistência pelo personagem, no entanto, ao final culmina com uma situação de limite com todo o sofrimento em que ele estava sofrendo: abandona a família e foge da vida estressante que vivia, na tentativa de recomeçar uma vida nova.

O existencialismo presente no filme leva a reflexão sobre a vida das pessoas e seus significados, onde a busca pelo crescimento profissional no contexto vivenciado durante o processo de industrialização da nossa indústria, traz consigo uma indumentária confusa de uma humanidade, que leva a questionamentos sobre uma felicidade ilusória, alcançada muitas das vezes a duras cargas de trabalho, convivendo com situações de corrupção, falsidade, estresse.

Diante de diversas perspectivas, as discussões acerca de questões sociais permitem vários estudos para avaliar as organizações e a sociedade, como mecanismos que exercem várias influências nos comportamentos dos trabalhadores. O presente estudo se propôs a oferecer outra possibilidade de abordagem sobre temas como trabalho, conflitos, resistência, prazer e sofrimento no contexto organizacional. As possibilidades de análise que se abrem na discussão deste tipo de estudo não se esgotam somente com esta obra, visto que cada indivíduo interpreta os dados, fatos, textos e imagens de forma singular. Outras possibilidades também podem ser trabalhadas em outras obras cinematográficas, que exploram o universo do prazer e sofrimento no trabalho sobre diferentes contextos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

DAVEL, E.; VERGARA, S. C.; GHADIRI, D. P. Administração com arte: papel e impacto da arte no processo de ensino-aprendizagem. Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2007.

DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez/Oboré 1992. 168 p.

DEJOURS, C. Addendum da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR L. (Org.). Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. 3. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2011. p. 57-123

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2009. p. 119-145.

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica. Tradução de Marina Appenzeller, v. 5, 1994.

IPIRANGA, A. S. R. A narração fílmica no ensino de gestão de pessoas e de comportamento organizacional. Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, Jane Aparecida. Vozes da Cidade: o sentido da telenovela na metrópole paulista. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENDES, A. M. Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 368 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O Cinema e a Nova Psicologia. In: XAVIER, Ismail (Org.). A Experiência do Cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal, Embrafilmes, 2003. P. 101-118.

NOVA, CC da; COPQUE, H. L. F. Cinema e psicologia processos psicológicos básicos à luz das teorias cinematográficas. Inter) Subjetividades, v. 1, n. 1, p. 1-69, 2009.

PERSON, L. S. São Paulo, Sociedade Anônima. São Paulo: Alhambra/Embrafilme, 1965.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração. 3ª. Atlas, 2005

SIMMEL, Georg. Psicologia do dinheiro e outros ensaios. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. 5ª Edição. 2008.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. Atlas, 2004.

VIEGAS, Susana Isabel Rainho. Olhar e memória na percepção cinematográfica. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 15, n. 24, p. 31-44, 2008.

VOGLER, Christopher. A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores. Aleph, 2015.

WOOD JR, Thomaz; CSILLAG, Paula. Estética organizacional. Organizações & Sociedade, v. 8, n. 21, p. 35-44, 2001.